

Palestra do Guia Pathwork® nº 226  
Palestra Não Editada  
18 de dezembro de 1974

## ABORDAGEM DO EU – PERDOAR-SE SEM TRANSIGIR COM O EU INFERIOR

Saudações, queridíssimos amigos aqui presentes. Bênçãos para todos aqui reunidos. Que a força do amor e das bênçãos envolva cada um de vocês.

Na palestra desta noite vou falar de facetas específicas do caminho que é um caminho eterno, de uma forma ou de outra, para todos os seres humanos, para toda a criação. Quero discutir como o processo do caminho pode ser adiantado na etapa de desenvolvimento em que se encontram agora, meus amigos, onde talvez encontrem empecilhos que precisam entender melhor, mais profundamente, para poderem eliminar essas obstruções e reforçar o processo em constante movimento do qual vocês se tornam cada dia mais uma parte integrante. Vocês iniciam esse processo de novo em cada passo, mas também passam a fazer parte dele e o seguem, porque ele é maior do que aquilo que vocês iniciam.

Na verdade, vocês estão fazendo isso em grau cada vez maior. Estão crescendo, mudando, descobrindo as maravilhas do seu mundo interior. Mas também será proveitoso saber melhor o que estão fazendo e quais são esses ritmos interiores. Vocês oscilam constantemente entre iniciar – e portanto, indiretamente, estabelecer o processo que se desenvolve e que, em raros momentos de satisfação, vocês percebem – e de seguir esse processo. A maior parte do tempo vocês continuam esquecidos de que fazem parte de um processo que vocês mesmos iniciaram ao se comprometerem com a verdade, ao desejarem crescer e mudar. Esse, naturalmente, é o aspecto básico do início do processo: o compromisso geral com a verdade e com a mudança do que é negativo e destrutivo. Mas também há aspectos específicos que exigem uma compreensão mais profunda, porque a psique humana mostra extrema confusão com relação a determinadas questões que ficam inexplicadas por causa da dualidade da vida humana. Na palestra de hoje eu vou falar de cada um desses aspectos. Mas antes disso, preciso fazer uma aparente digressão. Não é uma digressão de verdade. Mais tarde vocês vão ver a ligação.

Um dos medos mais fundamentais do homem é o medo da morte. O medo da morte tem origem na confusão do pensamento e da percepção dualistas. E esse próprio medo leva a mais confusão. Pode-se apaziguar o medo da morte não pensando nele, mas mesmo assim ele espreita na alma até a personalidade se fundir totalmente com a realidade divina. O medo persiste mesmo quando existe entendimento intelectual e já ocorreram algumas experiências interiores como resultado do crescimento e da ligação com o núcleo divino. Embora às vezes exista um profundo conhecimento do continuum da vida, a difusão desse conhecimento é um processo lento. A verdade precisa preencher toda a alma e toda a personalidade, sem nenhuma instabilidade, sem nenhuma tentação de aceitar maneiras errôneas e falhas de conceber e experimentar o mundo. A consciência profunda da natureza eterna da vida requer um processo lento que depende de muitas outras atitudes que aparentemente pouco ou nada têm a ver com essa grande questão. Essa convicção só pode ser adquirida

depois de superar muitos obstáculos e depois de encarar, em diferentes níveis, esse medo básico, independentemente do que tenham em mente. Esse medo pode assumir diferentes formas, mas sejam elas quais forem, quero lhes falar primeiramente em termos do seu medo consciente ou inconsciente da morte.

A vida não pode ser não vida, pois é da natureza intrínseca da vida estar viva. Isso pode parecer, num nível mais superficial, uma afirmação redundante, mas se prestarem atenção no âmago de si mesmos e pensarem sobre essa frase, vão ver que ela tem um sentido mais profundo. O homem, irrefletidamente, acha indiscutível que a vida subitamente se transforme em não vida, que sua natureza inata se transforme subitamente em seu oposto. Se refletirem sobre isso, vão chegar inevitavelmente à conclusão de que isso não passa de um absurdo. A vida só pode ser vida. Tudo que é criado, tudo que é, só pode ser aquilo que é. Não pode ser aquilo que não é, mesmo que na superfície pareça ser temporariamente outra coisa. É somente no estado dualista que vocês vivem com dois opostos dentro da alma. Mas esse estado dualista é evidentemente apenas um estado muito limitado em comparação com a totalidade da criação. Mesmo enquanto vocês estão nessa esfera de consciência, quando realmente trabalham no caminho, logo descobrem que todos os opostos são uma ilusão, facetas de uma mesma unidade. Vocês mesmos já conseguiram, em muitas áreas da vida interior, fundir esses opostos, de modo que as contradições deixam de existir, se reconciliam. É preciso aplicar esse mesmo processo a todos os opostos no seu nível de realidade. Assim, se a vida tem uma unidade, só pode existir vida. Portanto, a morte é necessariamente uma ilusão.

No seu plano de consciência, vocês estão totalmente ou quase totalmente voltados para o nível da manifestação, e não para o nível da origem ou o nível da fonte. A vida irradia para o exterior. Ela emite suas radiações, suas ondas, suas correntes de energia, seus raios. Mas esses raios são apenas os “mensageiros” exteriores que gradualmente produzem a vida. Há algum tempo falei sobre esse processo de criação em outro contexto. O movimento espiralado do crescimento precisa da repetição e precisa ligar essas repetições a diferentes contextos e relações. Eu já disse que a vida (que é a divindade, pois vida e divindade são uma só coisa) penetra muito gradualmente no vazio e preenche o vazio. Depois que o vazio é penetrado pela vida, ele jamais pode voltar a ser vazio. Na fronteira onde a vida encontra o vazio, a energia e a consciência (os principais aspectos da vida quando expressos em linguagem humana) se juntam e se endurecem, formando a matéria. Esse nível de matéria também pode ser chamado nível da manifestação, que não deve ser confundido com a vida real, a fonte. A matéria ou manifestação é avivada ou animada pela vida até que, no decorrer da evolução, ela se transforma e se retransforma suficientemente até se integrar totalmente com a vida. Mas enquanto ainda está na “fronteira exterior”, ela é apenas temporariamente animada pela centelha de vida que, por sua própria natureza, retorna e retorna.

Resumindo: os raios da vida animam a matéria que é o produto da união entre a vida e o vazio. O vazio precisa ser totalmente preenchido pela vida – esse é o curso inexorável da evolução. Tudo que está vivo é animado pela consciência divina eterna. E a consciência está eternamente avançando e transformando a manifestação em suas inúmeras formas.

Pois bem, como isso se aplica a vocês, meus amigos? Como sempre, queremos usar profundas verdades metafísicas não apenas como pensamentos filosóficos que se prestam à especulação, mas para aplicá-las especificamente à sua condição humana e ao seu trabalho do caminho. Não existe verdade maior, nenhum fato universal da criação, nenhum acontecimento macrocósmico que não possa também ser imediatamente aplicado ao desenvolvimento pessoal do homem, a seu crescimen-

to, seu autoexame, seu microcosmo. Se o primeiro elemento for usado sem ligação com o segundo, a espiritualidade está sendo usada como uma fuga do eu, como uma forma de evitar a purificação pessoal, como uma maneira de não cumprir a tarefa da encarnação.

Vocês estão voltados para o nível da manifestação e confundem a manifestação que é animada pela vida eterna com a própria vida eterna. É somente depois de percepções mais elevadas da consciência que esse foco muda – talvez, a princípio, de modo quase inadvertida. Parece ser um subproduto do trabalho de purificação. A vida pode retirar-se temporariamente da matéria que criou, e permitir que essa matéria se dissolva, voltando à substância original. Em seguida, a vida cria uma nova forma e anima essa forma. É um processo de mudança contínua. É o processo da evolução.

A consciência humana precisa abrir a mente para explorar esses pensamentos, essas verdades que apresento aqui. Pois o medo de vocês deriva do fato de vocês se identificarem com a manifestação que é animada pela fonte. Vocês são a fonte. Mesmo a sua personalidade atual, os seus pensamentos e sentimentos, o seu ser e suas experiências, a sua capacidade de querer e desejar – tudo isso é a fonte. A não vida não pode fazer nada disso. Mesmo que grande parte da sua personalidade manifesta se modifique, mude e se expanda, tudo o que vocês sabem e sentem que são é fonte, e não manifestação. Aí está a confusão que gera o medo de não ser. Vocês precisam aprender que tudo que são agora, por mais imperfeição que haja em alguns aspectos, é a vida eterna sempre existente, e que não pode ser outra coisa. Na manifestação atual limitada de vocês residem possibilidades ilimitadas de expansão da consciência, da experiência, da capacidade criativa de moldar a vida e formas de vida, do seu senso de ser o que realmente são. E vocês acreditam, meus amigos, de alguma forma, em algum canto, que quando retiram essa vida da matéria que vocês criaram mediante a união da vida e da não vida, vocês deixam de ser. No entanto, tudo que sabem, tudo de que estão conscientes que são deve continuar a ser e não pode não ser, mesmo com relação à personalidade limitada que agora conhecem como sendo vocês. Ela é o que é agora, além das potencialidades que também existem no agora. À medida que essas potencialidades passam cada vez mais a animar a matéria, a autoconsciência se expande e vocês passam a conhecer a verdade sobre a continuidade ilimitada de vocês. Nesse momento, a matéria se funde com a fonte.

Para que a mente dê esse salto, para que a compreensão de vocês possa assimilar as ideias aqui expostas, precisamos superar alguns obstáculos específicos, como eu disse anteriormente. Existem muitos obstáculos, e vocês trabalham com todos eles, de uma forma ou de outra. O medo da morte está relacionado a um dos mais importantes obstáculos, sobre o qual vamos falar agora. Trata-se da maneira de abordar o eu no árduo caminho da autopurificação. Muitas dessas abordagens nós já discutimos, e trabalhamos com elas. Mas agora eu gostaria de falar detalhadamente sobre uma delas. Muitos precisam muito dela, e todos vocês vão precisar dela mais cedo ou mais tarde. Existe uma confusão com respeito a aceitar o eu com seus aspectos do eu inferior, por um lado e, por outro lado, encarar sem rodeios sua negatividade, enxergar sua destrutividade e seus efeitos prejudiciais exatamente como são.

Vocês confundem aceitação de si mesmo, perdão a si mesmo com cumplicidade e encobrimento dos aspectos negativos do eu inferior. E vocês também confundem a culpa arrasadora, o ódio por si mesmo com a admissão honesta do que está de fato errado e precisa ser mudado. Essa confusão dualista específica é, evidentemente, de extrema importância. Não é difícil perceber como ela pode ser um enorme obstáculo no seu caminho, pois as duas alternativas os impedem de crescer, de se expandir e se unir a Deus. Os aspectos negativos precisam ser plenamente aceitos, perdoados e

vistos no contexto de toda a personalidade, mas jamais devem ser tolerados. Tudo isso já foi dito muitas vezes anteriormente, mas continua sendo uma grande pedra no caminho de muitos. Vocês continuam tropeçando sempre nessa dualidade específica.

O medo da morte, o medo da não vida tem muito a ver com isso. Tem a ver de duas maneiras aparentemente opostas. Se o medo da morte se oculta no coração, consciente ou inconscientemente, é extremamente difícil perdoar a si mesmo, porque um dos maiores castigos é a ameaça de extinção. A falta de perdão a si mesmo coloca em foco essa ameaça. Desencadeia essa ameaça.

Por outro lado, o medo da morte também gera o medo do movimento. E isso, naturalmente, é totalmente contrário à realidade. Pois a vida está em eterno movimento, e quando a vida se retira, o movimento cessa. Mas na posição invertida, no nível da manifestação do qual a passagem do tempo é parte integrante, parece que a vida está em constante movimento em direção à morte. Portanto, a mudança é um movimento que parece acelerar o processo de morrer. A imobilidade reforça a ilusão de que o tempo para e o statu quo é mantido. Essa é uma das principais “razões” interiores para resistir e desconfiar da mudança e do crescimento. É uma ilusão tão primitiva que é praticamente uma superstição, mas nesses níveis de pensamento e raciocínio semiconscientes, isso dificilmente causa surpresa. Vocês já descobriram muitas concepções erradas e absurdas no decorrer do seu trabalho, que vocês mantêm e defendem com intensidade nesse nível do seu ser, e que regem a vida a um ponto que a mente consciente e madura, a princípio, não tem capacidade nem vontade de entender.

É quase desnecessário enfatizar que permanecer imóvel é contribuir para o término do nível manifesto. Essa postura só pode acelerar a vontade da consciência animadora de retirar-se dessa manifestação e começar de novo. Quando existe a determinação e o compromisso de mudar e revelar o potencial divino, a dualidade se funde em uma unidade na qual vocês conseguem ser tolerantes consigo mesmos, conseguem ser compassivos consigo mesmos, e conseguem encarar o eu inferior, simplesmente porque têm esse amor essencial, essa compaixão para com todos os seres, inclusive por vocês mesmos. Vocês podem encarar o eu inferior sem restrições, sem encobrir nada, sem inventar explicações ou justificativas, sem jogar a culpa nos outros, mas também sem nenhum traço de ódio por si mesmos. A personalidade pode adotar essa atitude quando a considera possível ou mesmo necessária. Nesse momento, ela passa a ser um objetivo desejado. E precisa ser conscientemente adaptada à realidade, verificando sempre e corrigindo os desequilíbrios nessas duas direções.

É somente na medida em que vocês assumem o compromisso total de avançar e mudar, que podem acreditar que a pessoa que vocês conhecem como sendo o seu eu continuará necessariamente a existir. Não importa quanta mudança seja necessária para que a manifestação fique de acordo com os seus potenciais divinos – em última análise vocês continuam sendo vocês mesmos, pois são Deus. Vocês podem tornar-se mais vocês à medida que a mudança passa a abranger uma parte maior do seu potencial.

É muito importante que entendam isso, meus amigos. Tudo que existe, que vive, que respira, na forma mais insignificante, é uma manifestação de Deus e, portanto, essencialmente eterna. É muito comum as pessoas não reconhecerem esse empecilho. Embora eu já tenha falado a esse respeito muitas vezes e em diferentes contextos, nem por isso ela foi eliminada. Vocês continuam a tropeçar no obstáculo do ódio por si mesmos. Vocês ainda tropeçam muitas vezes na atitude defensiva de não reconhecer esse ódio por si mesmos, de não sentir essa dor, porque no fundo acreditam que

esse ódio é justificado, e a dor que ele provoca é intolerável. O medo da sua própria incapacidade de perdoar, por um lado, e por outro lado o seu aparente contrário, a postura de mimar a si mesmo, de satisfazer os próprios desejos e negar o eu inferior, esses dois elementos sempre existem simultaneamente. São uma expressão dessa confusão, desse empecilho no caminho. São a distorção e a inversão da unidade do respeito por si mesmo e da total honestidade consigo mesmo.

Portanto, o que precisam fazer, repetidamente, é abrir espaço para a presença da sua divindade, o que vai permitir a vocês encarar tudo que existe em seu íntimo e perceber que o eu inferior nada mais é que uma criação surgida do encontro da vida com a não vida. Quando a vida encontra a não vida, a energia cria a matéria e a consciência se divide em fragmentos. A verdade e a realidade ficam confusas, devido à visão limitada dos fragmentos. A verdade diminui, ficando restrita a aspectos limitados. Toda a dualidade de vocês não passa disso – um aspecto limitado. Vocês criaram artefatos, divisões artificiais de pensamento que confundem a mente. Elas são tanto uma criação quanto a matéria é uma criação do encontro da vida e do vazio – a não vida. A vida acaba penetrando e se inserindo na não vida, dando-lhe vida, mesmo que, nesse processo, muitas e muitas vezes, numa dança ritmada, ela se retire de tempos em tempos da manifestação da vida. Assim, enquanto a matéria se desintegra, ela já foi espiritualizada por ter possuído a semente da vida, mesmo que por um período limitado. E ela vai despertar de novo. A matéria em si é uma criação da vida, pois o vazio não pode criar. Ela é essencialmente não vida até ser preenchida pela vida. Assim, mesmo quando a matéria parece desintegrar-se, ela não é sem vida. Ela simplesmente segue uma rota invertida, “indireta”. A desintegração da matéria dá origem a novas combinações, e a centelha da vida, maior e mais visível, torna a animá-las. No entanto, vocês precisam entender que o próprio processo de desintegração e reintegração é um movimento que leva para o mesmo objetivo. Onde existe movimento, existe necessariamente vida. A vida na matéria inanimada é, como eu disse, um movimento invertido e uma animação muito menor, mas isso também precisa ser o que é, seguindo leis sábias e inexoráveis. Explicar essas leis foge ao escopo da palestra de hoje.

Existem os mesmos princípios no plano da consciência. A percepção dividida da realidade, da qual falamos com tanta frequência, existe de muitas maneiras. Ela cria o sofrimento pelo qual o homem passa. Quanto mais longe vai o movimento da vida, mais esses conceitos divididos se unificam e eliminam o sofrimento. A mente que é consciente e que anima uma unidade de consciência procura tatear o caminho com os conceitos divididos, até eles ficarem claros e unificados. O esclarecimento e a unificação só são possíveis quando existe compromisso com a verdade divina, quando existe a coragem da verdade. Pois então a verdade é amor e o amor é verdade. E a vida é cada vez mais vivida de acordo com o que ela realmente é. Ela é tudo, jamais pode ser qualquer outra coisa. Ela não fica confusa com a manifestação que abriga a centelha. Nessa centelha está tudo que vocês sabem que são. Essa consciência do que vocês são agora não se limita ao corpo, embora partículas da consciência permaneçam como reflexos em cada molécula, em cada célula, em cada átomo da matéria que a consciência de vocês criou. O corpo de vocês, portanto, é uma expressão e um reflexo da sua consciência, mas quando a sua consciência se retira do corpo, ela continua a ser exatamente aquilo que vocês sabem que são agora. O corpo que era animado parece desintegrar-se do ponto de vista da consciência limitada no plano manifesto. Mas também ele passa por um enorme processo em que cada célula encontra novas células e cria novas formas, dando espaço para novos veículos. Cada célula de um corpo que foi deixado para trás pela vida animadora abriga em si uma centelha, uma minúscula centelha daquela vida. Como eu disse a vocês, não há objeto inanimado que não seja vivo em algum lugar, que não seja em algum lugar uma parte do processo da vida. A minúscula centelha viaja por canais que são infinitamente conformes à lei, significativos e harmoniosos, seguindo leis de

atração e rejeição – leis que é impossível explicar e enquadrar no referencial da consciência humana. Quando as células tornam a se unir, formando novas combinações, elas criam genes, e esses genes dentro da estrutura humana mudam à medida que a consciência muda. Os genes não são hoje o mesmo que serão dentro de alguns anos, desde que a entidade continue a crescer e a avançar.

Pois bem, todas essas partículas da matéria que são invisível para o olho humano, mas que mesmo assim são matéria, contêm aspectos inerentes de consciência. Assim, não pode haver nenhuma célula num corpo morto que não seja uma expressão da personalidade total que um dia deu vida e animou aquela célula. Isso também determina a jornada posterior de desintegração e reintegração das células.

À primeira vista, isso parece não ter muita relação com o tema da maneira de abordar o eu com respeito ao amor de si mesmo e à honestidade para consigo mesmo, ou com respeito a distorção, tolerância ou ódio por si mesmo ou, dito de outra forma, com respeito a perdoar a si mesmo, por um lado, e examinar a si mesmo, por outro lado. Mas eu afirmo que isso é extremamente pertinente, meus amigos. Talvez quando vocês fizerem uma meditação profunda vão perceber e saber intuitivamente que é pertinente. Existe uma ligação direta entre o ódio de si mesmo, o medo da punição, o medo da morte, e a desintegração da estrutura celular que entra em um canal e é em seguida transformada em uma nova forma proporcional.

Não acreditem que os pensamentos de vocês agora não são criações que possuem sua própria estrutura celular e sua própria matéria, embora a densidade dessa matéria seja invisível para vocês. Se vocês vivem na dualidade, tendo de odiar a si mesmos para poder encarar a verdade do eu inferior, ou tendo de negar a verdade do eu inferior para não sentirem e experimentarem o ódio por si mesmos e o medo de morrer, da morte, da não vida; nesse caso vocês vivem em um determinado canal muito específico e criam pensamentos e formas invisíveis que os levam para um padrão sempre repetido de confusão e sofrimento. Agora vocês estão prontos, meus amigos, para adotar uma maneira totalmente nova de encarar a si mesmos. É realmente nova, e ao mesmo tempo não tão nova. Vocês têm dado pequenos passos rumo a essa nova maneira de verem a si mesmos. Mas agora vocês estão prontos para dar um passo maior e realmente colocar em prática tal abordagem, essa atitude de total dedicação ao autoexame e ao respeito, amor e perdão de si mesmos, na devida proporção. Agora vocês podem permitir a existência do Deus em seu íntimo, aquilo que vocês podem ser no momento em que optarem por essa atitude divina: a de amarem a si mesmos da maneira mais saudável e divina, sem nenhum vestígio de tolerância excessiva consigo mesmos ou de negação do que é verdadeiro em relação ao eu inferior. Vocês podem sentir respeito, amor e compaixão pela magnífica luta que travam, pela maravilhosa honestidade, mesmo enxergando também que desonestidade, a covardia que ainda existem, e todas as outras atitudes mesquinhas e feias do eu inferior, sem jamais se esquecerem de quem realmente são. O próprio fato de encararem o eu inferior merece a compaixão, o perdão e o amor que os seres humanos pedem em suas preces há muitos séculos e milênios a um Deus que está fora deles, acreditando que o que é dado de fora tomará o lugar do que eles negam a si mesmos.

Esta é minha mensagem nesta palestra, meus amigos. Eu os deixo com uma grande bênção e a sugestão de que observem mais os seus processos de pensamento – os pequenos padrões diários de pensamentos a que estão acostumados, que acham tão normais, que nunca lhes ocorre avaliar seu poder criativo e imaginar que vocês podem escolher outros pensamentos. Esses padrões de pensamento repetitivos, diários, talvez sejam o seu pior inimigo. Esse processo de pensamento é insidioso,

porque vocês estão muito acostumados com ele. Aprendam a tomar uma certa distância para examiná-los. Observem como vocês os seguem, como dão vida a eles, como dão ânimo e energia a eles, e dessa forma criam uma situação de medo, de ódio por si mesmos, de desconfiança, de sensação de impotência. Isso é o que eu peço para fazerem. A partir de agora, passem a observar os seus pensamentos todos os dias.

Dou a vocês uma grande e maravilhosa bênção, que todos sentem e absorvem cada vez mais. É uma força vital palpável. Para nós, no nosso mundo, ela é muito visível, e para alguns de vocês ela é visível em pequena medida. Mas sem dúvida vocês percebem como ela é real, como os impregna. Falarei a vocês muitas outras vezes e lhes darei o que preciso dar. Sejam abençoados, meus queridos.

---

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.